



ALBUFEIRA EM TERCEIRO

BOM dia, para chegar à Baixa, vou bem por aqui?». A pergunta fica sem resposta depois de um simpático, mas pouco eficaz, «I don't speak portuguese». É que em Albufeira torna-se difícil encontrar portugueses na rua; os olhos azuis e os cabelos loiros mostram bem que estamos num dos destinos mais turísticos de Portugal.

Entre os cerca de 30 mil residentes, uma média de 10% são estrangeiros. Depois há que ter em conta os turistas e que, no Verão, fazem disparar os números para 300 mil habitantes.

A consequência é que as oportunidades de emprego fazem-se sentir a olhos vistos, «graças à capacidade hoteleira», esclarece o presidente da Câmara Municipal, Desidério Silva, garantindo que as taxas de ocupação, ao longo do ano, são elevadas face ao resto do país.

Os municípios revelam-se cientes no potencial empregador da região, mas atribuem-no essencialmente aos meses mais quentes. «No Inverno, grande parte dos hotéis e restaurantes estão fechados, porque não compensa abri-los; assim o trabalho acaba por ser temporário», diz Jaime Bacalhau, de 64 anos, enquanto aguarda por clientes no Salão de Cabelos Rijo. Nasceu em Albufeira, sempre residiu no concelho, mas nunca como agora se sentia tão inseguro. «As vivendas que existem ao pé

da minha casa já foram todas assaltadas», diz, defendendo que gostava de ver mais guardas na rua.

«Fazem falta mais efectivos, para garantir um policiamento de proximidade que actua ao nível da prevenção», concorda o presidente da Câmara.

Vive-se bem porque...

Há turismo, o que significa empregos

■ ALBUFEIRA leva a medalha de bronze, a uma distância mínima de Portimão. Ficou em primeiro lugar nos domínios da Economia e Emprego e Turismo, e no quarto posto em Urbanismo e Habitação. Com o maior número de equipamentos hoteleiros e um bom valor de estada média por turista, é onde a população avalia melhores condições para o município ser visitado e, simultaneamente, diz encontrar turistas com maior frequência. Este sector, com elevada dinamização, contribui certamente para registar uma das melhores taxas de emprego e as opiniões mais positivas dos residentes, que avaliam como elevadas os níveis de riqueza do concelho e referem existir um considerável número de oportunidades de emprego.

Teresa Seixas tem 61 anos, há 20 deixou o Norte para se instalar em Albufeira. Aprecia acima de tudo o clima, muito solarengo, mas quebra-se dos resultados que tem obtido no negócio de sapatos. «Só consigo vender durante os seis meses da época alta porque os turistas que se vêm agora não compram», lamenta a mulher, que interrompe o passo para apontar também um dedo acusador às respostas existentes ao nível da saúde: «Albufeira precisa de um hospital, só temos um centro de saúde e eu não tenho há três anos médico de família. Parece mentira, uma cidade com tanta gente».

Desidério Silva concorda que o concelho é pouco atractivo em termos de equipamentos de saúde, tem «esperança nos investimentos que se advinham para os próximos três anos», e na criação, para breve, de uma Unidade de Saúde Familiar.

A conversa junta-se Herculio Pereira, reformado de um rent-a-car, que se pressa a justificar os desabafos que ouviu junto à Praia dos Pescadores, «há coisas boas em Albufeira, não se vive mal, mas são as faltas que mais se fazem sentir».

E refere as piscinas municipais onde gosta de levar os netos, a moderna biblioteca, as ruas que se notam mais limpas, e a não existência de ruídos de queixa quanto à qualidade do ensino no concelho, que vai do ensino básico ao 12.º ano. Ainda assim, termina com um reparo à falta de estacionamento na Baixa da cidade, «os poucos lugares que existem pagam-se a um euro à hora, ali o Jaime preferiu alugar uma garagem que lhe custa 18 contos ao mês. Ele trabalha naquele cabelereiro, já viu quanto lhe a sair ao dia».

Maria Mateus

Já no capítulo do urbanismo e habitação, revela baixos índices de alojamentos vagos e baixas percentagens de edifícios altos, sendo que, comparativamente com os demais municípios, a melhor avaliação dos seus habitantes recai sobre a qualidade dos espaços verdes existentes, obtendo também apreciações positivas quanto à preparação para receber diferentes tipos de utilizadores. Albufeira apresenta também capacidade para poder registar no futuro uma melhor posição no domínio da saúde – onde se posiciona actualmente em quinto lugar – nomeadamente se aumentar o investimento neste sector para captar maior número de médicos, já que as avaliações por parte dos municípios são já bastante positivas.



MUNICÍPIO CUIDADO

OS SANJOANENSES são empreendedores e a maioria tem poder de compra. O comércio tradicional, fortemente implementado ao longo da Avenida Renato Araújo, convive com as superfícies comerciais – cujo número, aliás, tem aumentado. S. João da Madeira está próximo da capital do distrito e da cidade do Porto, beneficiando de acessos rápidos. E o desenho das artérias do

concelho facilita a fluidez do tráfego automóvel. Já a ligação demorada à A1 (uma distância de apenas dez quilómetros) e à Linha Ferroviária do Norte são apontadas como pontos negros. Tal como no resto do país, no último ano fechou a empresa de calçado Linsolindo, despedindo 80 pessoas. Este ano, o terceiro maior empregador do concelho, a Treac, onde trabalham cerca de 500 pessoas, in-

iciou um processo de lay-off. S. João da Madeira é um dos três concelhos com maior número de casos de violência doméstica em Portugal e onde também tem havido mais assaltos – na semana que antecedeu o Natal, num só dia registaram-se mais de dez. Já a cultura e o lazer merecem boas notas, nomeadamente por causa da programação diversificada dos Paços da

Cultura, da oferta de actividades desportivas, dos vários espaços verdes e da criação do Parque Urbano do Rio Ul – que permitiu a limpeza das suas margens e do próprio curso de água. Tudo isto, aliado à sua centralidade e à proximidade de praias e de serras (Freixo, Grafeira e Arada), contribui para o sentimento de felicidade dos habitantes.

Ana Isabel Pereira

Vive-se bem porque...

Há um bom urbanismo e uma economia estável

■ S. JOÃO DA MADEIRA ficou em quarto lugar ao obter o primeiro posto em Urbanismo e Habitação, o segundo em Economia e Emprego e terceiro em Identidade, Cultura e Lazer e o quarto em Acessibilidade e Transportes. O mais pequeno município do país recebe as melhores avaliações na limpeza das ruas e na proximidade

da habitação aos equipamentos de uso frequente. Regista ainda baixos níveis de duração da viagem casa-trabalho e grande facilidade na mobilidade. As taxas de actividade são elevadas, apresentando a população uma opinião positiva dos níveis de riqueza do concelho, ainda que o rendimento médio não seja dos mais elevados.



FELICIDADE E TURISMO

ALMOÇAR em casa, com a família reunida à volta da mesa, e depois voltar sem pressas para o trabalho, é um dos privilégios de que continuam a usufruir muitos dos habitantes do Funchal – a mostrar que a cidade mantém vivos hábitos já esquecidos nas grandes metrópoles.

Os serviços concentram-se na Baixa da cidade e ao longo de toda a zona costeira, onde o

turismo manda e os principais investimentos se acumulam. Mas a cidade está a crescer cada vez mais por sobre o arfiteiro que lhe deu origem. Um crescimento que se vê, quase só, em betão, e a que falta, quase sempre, tado-o resto.

Acessos rodoviários, transportes, escolas e segurança são, invariavelmente, o alvo de queixas dos habitantes. Quem vive lá em cima – no que antes eram bairros

de barracas e que, ao longo dos últimos anos, se transformaram em novos bairros sociais, paredes meias com as mais modernas urbanizações – continua a lamentar que o 'horário' (como chamam aos autocarros) não chegue a todo o lado. O bom planeamento urbanístico não é uma prioridade fora das zonas turísticas.

A intensa poluição da Baixa,

onde se concentram milhares de carros à hora de ponta, não parece preocupar turistas e habitantes da cidade. Na grande marginal, nas ruas do comércio tradicional e nos novos centros comerciais, os funchalenses continuam a ter tempo para passear, tranquilamente, ao fim de um dia de trabalho.

Gracia Rosendo

Vive-se bem porque...

Há um bom ambiente e optimismo face ao futuro

■ FUNCHAL fica em quinto, por ter sido terceiro classificado nos domínios da Felicidade e do Turismo e em quarto lugar no Ambiente. Os funchalenses apresentam os melhores níveis de satisfação com a vida e o maior optimismo face ao futuro. No domínio turístico, tem as melhores taxas de ocupação dos equipamentos e dos índices de estada média. A população avalia

de forma positiva a qualidade da água, revelando o concelho uma das melhores coberturas de abastecimento à população. Existem potencialidades de subida de ranking no domínio do urbanismo e habitação, com algum investimento adicional, tendo conquistado este ano o quinto lugar e a melhor posição no índice de parques urbanos.